

O LETRAMENTO CRÍTICO NA AULA DE LÍNGUA PORTUGUESA NO ENSINO FUNDAMENTAL II: UM ESTUDO DE CASO A PARTIR DO USO DE VÍDEOS COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA

Mônica Maria Matias Muniz ¹
Lucineudo Machado Irineu ²

RESUMO

O uso da linguagem, como instrumento de emancipação, é um diferencial na formação cidadã. Nosso objetivo foi analisar o desenvolvimento do letramento crítico de alunos do 9º ano de uma escola pública de Fortaleza. Para isso, descrevemos os níveis de letramento crítico dos sujeitos através de atividades de sondagens intercaladas pela execução de uma proposta de intervenção com vídeos em aulas de língua portuguesa. Adotamos, como pressupostos teóricos, os estudos de Street (2014), que percebe letramento como um fenômeno relacionado a um processo social no qual tecnologias específicas socialmente construídas são usadas em arcabouços específicos para fins situados, de Kleiman (1995) e Rojo (2009), que compactuam com Street (2014) sobre letramentos como formas de uso social da leitura e da escrita, além de Moran (1995), Setton (2011) e Corpas (2000), a respeito do uso do vídeo como gerador de discussão e interação. Quanto à metodologia, cruzamos e adaptamos as dimensões de compreensão leitora preconizadas por Barret (1968) e os quadrantes da Pedagogia de Multiletramentos assinalados pelo Grupo Nova Londres (ROJO, 2012), viabilizando a análise e a descrição qualiquantitativa dos níveis de compreensão leitora. O fruto dessa fusão nos guiou na categorização dos dados coletados nas sondagens inicial e final. Registramos significativa mudança quanto ao desempenho da percepção leitora dos alunos, pois estes saíram do nível superficial de compreensão textual e passaram a pontuar respostas que contemplam o nível crítico, chegando ao nível de compreensão leitora autônomo em relação às temáticas apresentadas por meio de vídeo em sala de aula.

Palavras-chave: Letramento crítico, Vídeos. Ensino de Língua Portuguesa.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho apresenta como objetivo central analisar o desenvolvimento do letramento crítico (LC) dos alunos do 9º ano de uma escola da rede pública de Fortaleza considerando o gênero discursivo vídeo como ferramenta pedagógica para a aplicação de atividades de intervenção que proporcionem a formação crítica. Acreditamos, portanto, ser o ambiente escolar propício para evoluir nosso propósito.

Embora existam muitos trabalhos relevantes acerca do uso de vídeo como objeto educacional com vistas ao desenvolvimento do LC, ainda são poucos os estudos que analisam o fenômeno em suas relações com o ensino de língua portuguesa, principalmente no que toca à intervenção do professor no desenvolvimento da formação crítica dos aprendizes. Além disso, a perspectiva de alguns professores de que o vídeo carrega em si um estigma de entreter, limita

¹ Mestre em Letras - Linguagens e Letramentos - UECE - Ceará, monicamunizz@yahoo.com.br

² Pós-doutor em Linguística pela UFC. Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UECE. www.uece.com.br.

a aceitação desse recurso. É urgente ver nesse instrumento um aliado no processo de ensino e de aprendizagem, bem como um elemento que suscita a discussão e a prática do diálogo como forma de interação, conscientização e possível transformação através de um processo contínuo de uso de linguagem, em que esta figure como protagonista, pois, em um mundo de transformações tão rápidas, os estudos de linguagem, ou de linguagens, tornam-se indispensáveis.

A partir dessa perspectiva, a linguagem, vista como ferramenta de transformação social, advoga em favor de uma percepção que ultrapasse a capacidade de o sujeito ser passivo diante do conhecimento. Nessa confluência, nossos estudos se coadunam com a proposta dos Novos Estudos do Letramento (NEL), mais especificamente ao Letramento Crítico que possibilita ao educando, como autor de sua própria história, ser capaz de se constituir como sujeito de linguagem e cidadão capaz de se posicionar criticamente, de contestar relações assimétricas de poder na e pela linguagem, desenvolvendo o senso crítico.

Acreditamos que, para contribuir com o desenvolvimento do LC em estudantes adolescentes, o uso de vídeos, em sala de aula, deva estar ancorado numa prática docente em que o professor vá além do papel de mero repassador de informações para interagir com o próprio aluno como um professor-mediador. Neste contexto, o professor atuará em um processo colaborativo, permeando caminhos que o levem a “conhecer” seus alunos e propondo interferências nos aspectos relevantes para o desenvolvimento do senso crítico.

A motivação para investir na presente pesquisa foi o fato de ter sido observada, por nós, pesquisadores/educadores, a utilização de uma vasta gama de abordagens metodológicas e de recursos didáticos tradicionais, porém sempre com o intuito principal de capacitar o aluno em sua competência linguística. Em outras ocorrências, o foco era a estrutura da língua, em outras ainda na competência comunicativa. No entanto, pouca ou nenhuma preocupação foi percebida em relação à formação crítica do aluno enquanto cidadão que vive, age e interage na sociedade.

Portanto, neste momento em que a escola pública tem tido como principal objetivo preparar o jovem educando para exercer sua cidadania, precisamos de inovações no ensino de língua portuguesa que respondam a esta demanda. Nesse sentido, os ensinamentos de Moran (1995) também nortearam nossos estudos e nos asseguraram da importância de planejar ações e objetivos em direção à mudança e à transformação. Nesse sentido, Moran considera que para aprendermos melhor é necessário vivenciarmos, sentirmos, pois, ao nos relacionarmos, criamos vínculos com a situação a atribuímos a ela um novo significado: “aprendemos pelo pensamento divergente, por meio da tensão, da busca, e pela convergência, pela organização, pela integração.” (MORAN, 1995, p. 9).

O presente trabalho é de natureza aplicada e configura-se como pesquisa-ação, visto que se orientou, epistemologicamente, pelos princípios da Linguística Aplicada e também porque, por meio da nossa intervenção junto aos alunos, pudemos gerar conhecimentos para uma aplicação prática e, ao mesmo tempo, dirigida à solução de problemas específicos da área educacional.

Optamos por essa metodologia por acreditarmos que foi a melhor maneira de se trabalhar com os desafios encontrados no ambiente escolar. Desse modo, abre-se a possibilidade de ultrapassarmos as fronteiras das discussões acadêmicas alcançando diretamente os envolvidos nesse processo, tendo em vista mudanças de práticas e de posturas.

A trajetória metodológica apresenta etapas bem marcadas – elaboração das categorias de análise; quadro que apresenta a fusão dos aspectos considerados para a formulação dos níveis de percepção leitora e de desempenho; aplicação do questionário de sondagem inicial (QSI), descrição das sete propostas de intervenção e reaplicação do questionário de sondagem final (QSF) com novo vídeo.

Na análise e descrição dos dados, foram apresentados os resultados dos questionários aplicados antes das atividades de intervenção e das práticas (QPSC e QSI). Em seguida, procedemos a análise comparativa dos dados dos questionários inicial e final (QSI e QSF) – tudo por que passamos para chegar ao resultado que justifica nossos esforços, a saber, o retrato do desenvolvimento do LC dos alunos.

Após a análise de todos os dados e de posse dos resultados, concluímos que, ao retomarmos o objetivo geral de nossa pesquisa - analisar o desenvolvimento do LC de alunos do ensino fundamental II, através do trabalho com vídeos nas aulas de LP - ele foi plenamente atingido, na medida em que trabalhamos propostas de intervenção que desenvolvessem no aluno o LC.

Diante do exposto, nosso trabalho se faz fiel ao compromisso desta pesquisa em fornecer um reflexo do desenvolvimento do LC de alunos do 9º ano do ensino fundamental de escola pública municipal. Nessa perspectiva, contribuímos, ainda, para o ensino de Língua Portuguesa, com a certeza da necessidade de trabalhar em sala de aula a criticidade, além de advogar em favor do uso do vídeo, agora, como ferramenta de trabalho do LC.

METODOLOGIA

A presente pesquisa é de natureza aplicada, visto que se orientou, epistemologicamente, pelos princípios da Linguística Aplicada e também porque, por meio da nossa intervenção junto

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

aos alunos, pudemos gerar conhecimentos para uma aplicação prática e, ao mesmo tempo, dirigida à solução de problemas específicos da área educacional. Os dados obtidos foram analisados qualitativa e quantitativamente, à luz dos pressupostos da Linguística Aplicada.

Em relação aos nossos objetivos, a presente pesquisa configura-se como pesquisa-ação, pois, por meio da investigação, apontamos atividades interventivas que possibilitaram aos alunos uma mudança de postura diante da realidade que os cerca e cria condições para que o pesquisador tenha conhecimento acerca do desenvolvimento do LC dos aprendizes, o que foi intermediado pelo uso do vídeo nas aulas de língua portuguesa. Dessa feita, cada ação foi pensada, reavaliada e reajustada, a partir da resposta dada pelos educandos, durante todo o processo.

Para a realização de nossa pesquisa, determinamos como objetivo geral: analisar o desenvolvimento do LC dos alunos do ensino fundamental II através da aplicação de propostas de intervenção considerando o gênero discursivo vídeo como ferramenta pedagógica para a aplicação de atividades que proporcionem a formação. Unimos, a nosso ver, a teoria à prática, conforme é o intuito da pesquisa-ação.

Com essa trajetória metodológica, tivemos a possibilidade de acrescentar, no planejamento didático do professor, a temática dessa pesquisa, sem ocasionarmos qualquer prejuízo para as aulas da disciplina de LP. Pelo contrário, a efetivação da proposta de intervenção vem atestar uma lacuna que torna mais latente a necessidade de formar um cidadão consciente de seu papel social e de sua capacidade de promover mudanças.

Nossa proposta de intervenção foi efetivada em uma escola pública municipal de Fortaleza. O público-alvo escolhido foram alunos do 9º ano do ensino fundamental do turno da tarde. A escola fica situada na periferia da capital cearense, próximo a comunidades em que os conflitos e as desigualdades sociais são visíveis.

Para a realização da proposta de intervenção, a carga horária total foi de 28 horas-aula, que ocorreram no quarto bimestre (nos meses de outubro, novembro e dezembro) do ano letivo de 2017. À organização da proposta de intervenção foram destinadas quatro horas-aula semanais totalizando, dessa maneira, oito semanas para a realização das sequências de atividades.

Inicialmente, o projeto que resultou nesta pesquisa foi submetido à análise do comitê de ética da UECE. O Termo de Anuência, bem como os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido e o Termo de Assentimento do Aluno foram submetidos à análise do comitê de ética e aprovados para aplicação do projeto.

A escolha da turma se deu para atender às recomendações do regimento do Programa de Mestrado Profissional em Letras, na área de concentração Linguagens e Letramentos, que direciona suas pesquisas para a formação de professores do Ensino Fundamental.

Participaram, desta pesquisa, 36 alunos matriculados na instituição escolhida, que também terão a identidade preservada, mas que foram enumerados para facilitar a identificação no processo individual. Os sujeitos têm idades entre 14 e 17 anos. Para compor o corpus deste trabalho de intervenção, selecionamos 25 alunos, levando em consideração a frequência e a participação nas atividades. O corte deu-se através do acompanhamento do número de atividades realizadas pelos participantes. Outra condição mister era a participação nos QSI e QSF, uma vez que nosso estudo apresenta uma análise comparativa entre esses dois questionários.

Um aspecto que torna a turma propícia para esse processo é o fato de os alunos estarem numa idade em que se tornam usuários constantes de vídeos veiculados nos mais variados suportes (redes sociais, televisão, DVD...) momento em que se envolvem e são envolvidos em eventos de linguagem.

Os procedimentos metodológico-pedagógicos foram divididos em três fases: 1) elaboração e aplicação de um questionário sociocultural (QSC), que foi utilizado como instrumento de diagnóstico das percepções dos alunos acerca de suas experiências com vídeos fora e dentro do ambiente escolar e da receptividade das temáticas; 2) aplicação do Questionário de Sondagem Inicial (QSI) com o intuito de perceber os níveis de percepção leitora e de LC dos participantes a partir do uso de vídeos em sala de aula. 3) reaplicação do Questionário de Sondagem (QSF), após a aplicação de propostas de intervenção no formato de atividades, com aulas expositivas e experiências envolvendo vídeos e textos de variados gêneros (conto, notícias, relatos etc.) a fim da obtenção de resultados práticos e da representatividade das vivências sociais desses sujeitos. Assim, conseguimos estabelecer, a partir do *feedback* dado pelos alunos, quais estratégias podem ser desenvolvidas para perceberem a realidade em que estão inseridos e, como cidadãos conscientes e críticos, apontarem soluções para os problemas sociais.

Entre a realização do QSI e do QSF foi aplicado um conjunto de oito atividades de intervenção, incluindo a culminância e a prática em campo. Todo esse material gerado é fonte diagnóstica do desenvolvimento do LC para a averiguação de possível evolução e identificação das prováveis deficiências decorrentes nesse processo. Todos os dados foram tabulados e, em seguida, geramos gráficos - usando o programa Microsoft Windows - que sintetizam os resultados, a fim de otimizar a análise da progressão do LC.

Após a testagem das atividades, propusemos a elaboração de um Manual de intervenção pedagógica através do qual sugerimos atividades que possibilitem o desenvolvimento do LC em alunos do 9º ano do EF. Essas atividades abrangem desde o contato com textos verbais e visuais até as que envolvem momentos de socialização de conhecimentos e de práticas sociais transformadoras.

DESENVOLVIMENTO

Em razão do principal objetivo de nossa pesquisa ser analisar o desenvolvimento do LC de alunos do ensino fundamental II, são ressaltados os estudos preconizados por Kleiman (1995) e Rojo (1998) que assinalam um novo olhar para o termo letramento(s) e apontam a habilidade do letramento como algo além dos muros escolares, como protagonista de práticas sociais. Os estudos de Street (2014 p. 17) postulam que o fenômeno do letramento encerra "um processo social no qual tecnologias específicas socialmente construídas são usadas dentro de arcabouços específicos para propósitos sociais específicos".

Ainda sob a visão de Rojo (2009), há uma significativa diferença entre o vocábulo letramento, no singular, e letramentos, no plural. O primeiro consiste nos usos e práticas sociais da linguagem que envolvem a escrita, caracterizando assim a alfabetização como uma prática de letramento escolar. Já o segundo corresponde ao conjunto diversificado de práticas sociais situadas que envolvem sistemas de signos (como a escrita) bem como outras modalidades de linguagem objetivando a geração de sentidos. Este é o sentido que consideramos para desenvolver nossa pesquisa.

A concepção de letramento crítico que chegou até nós parte, em grande medida, dos estudos de Freire (1987) acerca da pedagogia crítica. Segundo Freire (1989, p.16), o educando deve ser crítico, democrático, realizando suas escolhas como sujeito de direito, por meio de sua leitura de mundo e da leitura de textos “desde o começo, na prática democrática e crítica, leitura do mundo e a leitura da palavra estão dinamicamente juntas”, uma vez que, para o autor, “a leitura do mundo precede a leitura da palavra” e, esse processo, envolve uma “compreensão crítica do ato de ler, que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo.”

Dialogando com os pensamentos de Freire, a concepção de LC apresenta objetivo contrário ao promovido pela educação tradicional, pois se imbuí do empoderamento do aprendiz, que é levado a apropriar-se de seu processo educacional, ou seja, ele não se adequa ao sistema já arraigado; antes procura refletir sobre ele e construir sua própria transformação.

Somente esse tipo de envolvimento pode conduzi-lo à reflexão crítica acerca de sua cultura e cotidiano, levando-o, assim, ao questionamento de sua condição (FREIRE, 1989).

Para tanto, necessitamos de uma sala de aula democrática e humanizada que proporcione o levantamento das reflexões preconizadas pelo LC, que, partindo da localização social e histórica do aprendiz, busca a compreensão dos sistemas discursivos com os quais se depara. O sujeito que se intenciona formar é capaz de fazer uso da linguagem e suas várias modalidades: visual (mídia, cinema), informática (digital), multicultural e a crítica (que se faz presente em todas as modalidades).

Acreditamos que, para contribuir com o desenvolvimento do LC em estudantes adolescentes, o uso de vídeos, em sala de aula, deva estar ancorado numa prática docente em que o professor vá além do papel de mero repassador de informações para interagir com o próprio aluno como um professor-mediador.

Corroborando com essa ideia, Moran (1995) afirma que o vídeo deve ser usado em sala, principalmente, como elemento de sensibilização, para despertar a motivação, a curiosidade e o desejo de saber mais; como ilustração, para mostrar o que e como se fala, para compor cenários desconhecidos ou para situar os alunos no tempo e no espaço.

Portanto, ao partirmos do pressuposto de que é possível desenvolver o LC através do vídeo e de que tal ação possibilita novas perspectivas ao ensino de língua portuguesa, buscamos investigar a relação entre o gênero discursivo vídeo e o desenvolvimento do LC, bem como a contribuição da linguagem imagética na formação crítica dos alunos.

Para proceder a análise e descrição dos dados, cruzamos os níveis de percepção leitora preconizados por Barret (1968) com o quadro que apresenta os quadrantes dos multiletramentos (Kleiman, 2012) criado pelo Grupo de Novos Letramentos (GNL). Dessa fusão resultou um instrumental que tornou possível a comparação dos dados, apresentada em gráficos e, assim, nos foi viável registrar as estratégias criadas pelos alunos (observadas tanto na escrita quanto na oralidade) e que proporcionaram o desenvolvimento do LC.

Nesse contexto, a aceitação e o uso do vídeo na sala de aula promoveu uma ruptura nos processos educacionais pautados apenas nas linguagens verbal e escrita. Ele trouxe ao contexto escolar o mundo externo, o cotidiano, as imagens e sons de realidades próximas e distantes, a imaginação e a fantasia. Por meio de imagens, movimento, música, sons diversos, os diversos sentidos são aguçados e a relação dos alunos com os conteúdos abordados se dá de maneira diferenciada. E a escola se coloca diante do grande desafio de como lidar com esta relação.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nossa ideia foi cruzar as dimensões de compreensão leitora preconizadas por Barret e os quadrantes da pedagogia de multiletramentos assinalados pelo GNL e adaptá-los a fim de acomodá-los em quatro níveis de percepção leitora e, assim, tornar a gradação dos níveis mais próxima da realidade de nossos estudos. Dessa forma, foi possível realizar a análise e a descrição do nível de compreensão dos alunos participantes desta pesquisa e, a partir desse processo, concretizarmos o nosso objetivo principal que é analisar o desenvolvimento do LC em alunos de 9º ano do EF II. O instrumental resultante dessa fusão guiou-nos na categorização dos dados coletados nos questionários de sondagem inicial e final (QSI e QSF).

Queremos ressaltar que a construção das categorias de análise foi um processo que se deu sob múltiplos olhares para um mesmo objeto, mais estritamente baseando-se nas obras que definem as concepções de leitura da abordagem de ensino por LC e nos contatos com os sujeitos e o contexto em que se realizou a pesquisa.

Para tornar possível a análise, realizamos a seleção das questões de acordo com cada nível de percepção leitora, tomando por base os indicadores de desempenho, sendo esse o ponto estrutural para as comparações entre o QSI e o QSF, pontuando, assim, se as atividades, propostas na intervenção, obtiveram o resultado esperado, tal seja, o desenvolvimento de estratégias para o LC.

Diante do exposto, destacamos uma pergunta como crucial para o início de nossa descoberta. Foi perguntado aos alunos: Você se considera crítico? Como registro de resposta para esta questão, temos um número considerável de alunos que se consideram críticos (12), embora muitos apontem o “ser crítico” apenas sob a prerrogativa de “opinar” sobre algo. Os que se intitularam não críticos formaram um grupo de 9 alunos, o mesmo número que aqueles que se consideram críticos somente “às vezes”. Para essa categoria, colhemos os seguintes comentários: “Às vezes fico me perguntando o motivo daquilo, a razão, e acabo criticando.”; “Às vezes quando estou em casa ou na escola, mas tenho de estar entre amigos.”. Em número bem menos expressivo (4) estão os participantes que consideram que são críticos dependendo da situação de discurso e do assunto: “...vai depender do assunto abordado, de como estar indo a conversa.”; “Depende do momento e sobre o que eu vou criticar.”; “Depende do assunto que precisar criticar.”.

Observamos que a maior parte dos sujeitos acredita que ser crítico é saber opinar sobre algo ou um texto. Notamos também que todas as respostas se aproximam, mesmo de uma forma

superficial, do conceito de LC, como análise, avaliação, argumentação, debate, diálogo, entre outras.

Para a realização da fase seguinte da pesquisa, tomou-se por base o questionário aplicado antes das atividades de intervenção (QSI), através do qual os alunos responderam a 18 questões objetivas e discursivas acerca do vídeo “Children”, uma produção japonesa em que cores, sons e a ausência de falas produzem reações inesperadas nos espectadores.

Após a aplicação das propostas de intervenção, houve a aplicação do QSF (instrumental que contém as mesmas perguntas do QSI), desta vez trocando o vídeo, mas mantendo as características do primeiro a fim de aproximar a análise das cenas, feita pelos alunos, considerando os mesmos itens (cores, sons e a ausência de falas). O vídeo escolhido para o QSF foi “Aprender a aprender”, uma produção americana que apresenta fins educacionais.

Registramos a análise comparativa dos dados coletados nos QSI e QSF através de gráficos que apresentam as questões de percepção leitora – categoria superficial/literal; as questões de percepção leitora – categoria reorganização/intermediária; as questões de percepção leitora – categoria profunda inferencial; e, por fim, os que apresentam as questões de percepção leitora – categoria autônoma/apreciação/recriação acompanhados das respectivas leituras. Apresentamos, também, respostas coletadas a partir do entendimento dos participantes diante das cenas exibidas e das interpretações e sensações percebidas.

As propostas de intervenção foram elaboradas mediante o planejamento de sete atividades de leitura e interpretação que suscitaram o envolvimento dos alunos e voltavam-se para despertar a criticidade e sensibilizar o participante para perceber a realidade em que está inserido e se perceber como parte ativa dela. Trabalhamos também a parte prática com a confecção e preparação da atividade de culminância do Projeto “Vida em Ação” (sugerido no PPP da escola onde realizamos a pesquisa) para o qual planejamos e executamos – pesquisadores e alunos – a exposição dos trabalhos com foco na oralidade e na escrita; Como uma grata surpresa, vimos o nosso empenho na pesquisa recompensado com a ideia inesperada da turma ao sugerir, planejar e executar uma atividade em campo – a visita ao Abrigo de crianças São Miguel Arcanjo. Este foi um momento rico e de muita vivência dos ensinamentos adquiridos durante nossas aulas.

Avaliamos que a sequência de atividades realizada demonstrou resultados positivos no processo de desenvolvimento do LC dos alunos, sobretudo no que concerne aos níveis de percepção leitora que apresentaram resultados iniciais próximos do regular e evoluíram, sobremaneira, para o nível suficiente e, muitas vezes, para o forte. Os exercícios de intervenção elaborados e aplicados e o papel do professor como um mediador foram capazes de aprimorar

a criticidade dos discentes, no que diz respeito a perceber a realidade em que está inserido e a sentir-se capaz de iniciar mudanças transformadoras em sua comunidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Julgamos oportuno voltar ao começo desta pesquisa com a finalidade de que, na retomada, possamos responder às questões feitas quando este trabalho ainda se encontrava em sua fase primeira.

A primeira questão de pesquisa sonda como podemos descrever os níveis de LC de alunos do 9º ano do ensino fundamental de Fortaleza antes da execução da proposta de intervenção. Com a aplicação do QSI, obtivemos a resposta para essa pergunta ao investigarmos os níveis de LC através de perguntas que exigissem dos alunos compreensões literais/superficiais, intermediárias, inferenciais/críticas e de apreciação/autônomas a partir de vídeos cujos temas abordam assuntos polêmicos. De início, percebemos que o nível de leitura superficial predominava sobre os demais níveis. Ao passo que avançávamos na análise das respostas, mais essa percepção se concretizava, norteando-nos, assim, para a certeza de que a lacuna escolhida por nós para o desenvolvimento dessa pesquisa precisava ser trabalhada com nossos alunos. Esse resultado proporcionou a nós o marco para a elaboração das atividades aplicadas em sala de aula.

A segunda questão específica investigava como se daria o desenvolvimento do LC dos alunos do 9º ano do ensino fundamental a partir de execução da proposta de intervenção envolvendo o uso de vídeos. Para respondê-la, aplicamos uma sequência de atividades que propunham questões objetivas e discursivas que buscavam suscitar reflexão acerca de temas sociais. Como nossos dados apontaram para resultados motivadores, concluímos que nossa escolha foi acertada. Presenciamos o envolvimento e o interesse dos alunos na realização das atividades e, à medida que avançávamos nas atividades, melhores resultados íamos alcançando. Esse resultado ficou evidente quando os dados foram convertidos e analisados através dos gráficos que nos revelaram o desenvolvimento de estratégias de percepção leitora em um número significativo de alunos os quais passaram do nível superficial para o inferencial, já apontando para a construção de respostas com nuances de criticidade.

A última questão especula sobre quais contribuições as atividades pedagógicas que utilizam vídeo na aula de língua portuguesa podem oferecer ao desenvolvimento do LC de alunos do ensino fundamental II. A solução se deu, sobretudo, na análise das respostas das questões finais do último questionário, pois aferimos que houve uma evidente evolução na

criticidade interpretativa dos sujeitos participantes da pesquisa, uma vez que tais questões exigiam deles uma compreensão crítica e, em alguns casos, criativa e autônoma.

Com os resultados obtidos em nossa pesquisa, pretendemos reforçar a crença de que o aprendizado de língua portuguesa deve partir de situações de comunicação concretas, desafiadoras e interessantes, bem como pode ser estabelecido mediante a reflexão e a prática de estratégias de uso da linguagem como instrumento de empoderamento e de transformações pessoais e sociais.

Com base nesses pressupostos, concluímos que o papel do professor é fundamental para auxiliar na formação escolar dos alunos, por isso ele deve acreditar no seu papel transformador, para que, assim, possa tornar a sala de aula um verdadeiro lugar de aprendizagem. Os educandos, nesse contexto, devem ser orientados a construir a melhor forma de elaborar seu discurso, de acordo com o seu projeto de dizer.

Ao abrirmos essa possibilidade pedagógica, estaremos, cada vez mais, próximos de conquistar um ensino de língua materna eficaz e que preconize a formação de um aluno que venha a ser um usuário competente da linguagem no exercício da cidadania. Assim, a relevância da nossa pesquisa é inequívoca, porque fomenta os NEL enfatizando a importância do LC na atual conjuntura social e globalizada.

REFERÊNCIAS

BARRETT, T.C. **Taxonomy of Cognitive and Affective Dimensions of Reading Comprehension**. Chigaco, University of Chicago Press, 1968. 64 p.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino médio 2000**. Brasília: MEC, 1998.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998. 106 p.

CORPAS, J. La utilización del vídeo em el aula de E/LE – EI com-ponte cultural. In: CONGRESSO DE ASELE, 11. 2000, **Actas...** p. 785-791. Disponível em: http://cvc.cervantes.es/ensenanza/biblioteca_ele/asele/pdf/11/11_0785.pdf. Acesso em: 12 jan. 2018.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 57. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014. 253 p.

_____. **A pedagogia da autonomia – saberes necessários à prática educativa**. 54. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016. 144 p.

KLEIMAN, A. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: _____. (Org.). **Os significados do letramento: uma nova perspectiva social da escrita**. 2. ed. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2008. p. 15 - 61.

_____. **Preciso “ensinar” o letramento? não basta ensinar a ler e a escrever?** Campinas, SP: Unicamp, 2005. 132 p.

KOCH, I. V. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2002. 96 p.

_____. **O texto e a construção dos sentidos**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010. 122 p.

MARINS-COSTA, E. G. de. Letramento crítico: contribuições para a delimitação de um conceito. In: BAPTISTA, L. M. T. R. (Org.) **Autores e produtores de textos na contemporaneidade: multiletramentos, letramento crítico e ensino de línguas**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2016. p. 19-42.

MORAN, J. M. O vídeo na sala de aula. **Comunicação e Educação**. São Paulo, n. 2, 1995. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36131>>. Acesso em 22 set.2016.

_____. (Org.). **Integração das Tecnologias na Educação: salto para o futuro**. Brasília: Posigraf, 2005. p. 124-128.

NEW LONDON GROUP. A pedagogy of multiliteracies: Designing social futures. **Harvard Educational Review**, v. 66, n. 1, 1996. Disponível em: <http://wwwstatic.kern.org/filer/blogWrite44ManilaWebsite/paul/articles/A_Pedagogy_of_Multiliteracies_Designing_Social_Futures.htm>. Acesso em: 2 jan. de 2017.

PINHEIRO, M. S. **Investigando o letramento multimodal crítico em alunos de espanhol do Ensino Médio de uma Escola Pública de Fortaleza - CE**. 2016. 308 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2016.

ROJO, R. H. R. Modelização didática e planejamento: duas práticas esquecidas do professor? In: KLEIMAN, A. B. (Org.). **A formação do professor: perspectivas da linguística aplicada**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2001. p. 313-335.

_____. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola, 2009. 98 p.

SANTAELLA, L. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007. 89 p.

SETTON, M. das G. **Mídia e Educação**. São Paulo: Contexto, 2011. 65 p.

SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 1998. 114 p.

STREET, B. **Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2014. 124 p.